



FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Giorgio Palmera, da
Fotógrafos sem Fronteiras, fala
sobre o trabalho da organização

Entrevista por: André Teixeira | Fotos: Giorgio Palmera



Há, para pessoas em situações de emergência – guerra, fome, violência e pobreza extremas, entre outras –, uma necessidade tão ou mais importante do que comida, segurança e saúde: a recuperação da própria identidade. Ajudar a reencontrá-la é um dos objetivos da Fotógrafos sem Fronteiras, organização sem fins lucrativos criada e presidida pelo italiano Giorgio Palmera e que, desde 1997, oferece aulas de fotografia a jovens em situação de risco na Nicarágua, Palestina e África. Mais do que formar profissionais, abrindo uma possibilidade de sobrevivência para os alunos, a FSF busca proporcionar a eles uma possibilidade de contar suas histórias, mostrar, a partir do próprio olhar, seu conhecimento, suas vivências, alegrias e – por que não? – tristezas.

Nascida durante uma temporada de Palmera na Nicará-

gua, a Fotógrafos sem Fronteiras trabalha com o apoio de ONG's – “queremos distância de governos e políticos, para que não nos digam como devemos atuar”, esclarece de cara seu presidente – com base em laboratórios de fotografia que são “lugares de criatividade e consciência, em que as crianças podem experimentar a análise de sua própria realidade, dos meios expressivos e informativos”, diz Palmera, que abandonou uma próspera carreira na Itália para dedicar-se ao projeto. Sem arrependimento algum – “só nasci como fotógrafo quando nasceu a Fotógrafos sem Fronteiras”, garante. Um pouco da história da organização e do próprio Palmera – se é que se pode dissociá-las – está contada na entrevista que o italiano concedeu à Photo Magazine. Acompanhe:

É possível falar de sua vida profissional sem falar da Fotógrafos sem Fronteiras?

Na verdade, minha carreira formal começou antes de criar a FSF, mas eu só passei realmente a me sentir um fotógrafo, repórter, historiador, enfim, o que queria realmente ser, quando dei minhas primeiras aulas para meninos de rua na Nicarágua. Eles me ensinaram a olhar para o outro sem uma visão pré-concebida. A partir disso, minha fotografia mudou.

Como foi sua trajetória até esse momento?

Me formei em fotografia na Itália, e por uns seis anos segui no caminho tradicional, primeiro no estúdio de um fotógrafo, depois no meu próprio. Fazia *still life*, arquitetura, um pouco de moda. Coisas comerciais, que davam dinheiro mas não me satisfaziam. Me perguntava o que estava fazendo com minha fotografia, queria contar histórias, não apenas cumprir tarefas. Era uma coisa superficial, que não expressava minha criatividade. A fotografia era algo muito importante na minha vida para ser feita de uma forma superficial. Um dia aproveitei a oportunidade de um trabalho na Nicarágua e simplesmente fechei o estúdio. Fui para lá decidido a ficar.



Giorgio Palmera, autorretrato



Me pergunta o que estava fazendo com minha fotografia, eu queria contar histórias, não apenas cumprir tarefas

O que foi fazer?

Era uma matéria sobre natureza, para uma revista que acabou não dando certo. Nem vendi a matéria. Para me manter por lá, procurei uma ONG que trabalhava com meninos de rua e me ofereci para trabalhar em troca de comida e uma cama. Sugeriram que eu desse aulas de fotografia para eles, e aí tudo começou.

Você diz que descobriu com os meninos seu caminho na fotografia. Fale mais sobre isso.

Em paralelo às aulas, eu fazia minhas próprias fotos. Queria contar a história daquela gente, daqueles bairros afastados. Mas, ao ver as fotos que eles produziam, vi que havia muito mais para contar do que eu imaginava. Havia alegria, sentimento, pessoas que se beijavam, famílias que se divertiam, vida, enfim. Não apenas miséria e sofrimento. Eles viam coisas que eu não via, pois eu já partia com um objetivo previamente definido.

Que objetivo era esse?

Eu tentava reproduzir a imagem comum que todos temos dos bairros pobres desses lugares: violência, pobreza, prostituição. Mas, vendo os trabalhos dos garotos, me dei conta que suas vidas não se resumiam a isso. Tive que limpar minha cabeça dessa visão para conseguir, realmente, contar a história daqueles locais, daquela gente. ▶

Nicarágua/2004



Retratar o próprio cotidiano, mostrar que sua vida não tem apenas desgraças, é uma necessidade básica das pessoas?

Com certeza. Isso é fundamental. Precisamos entender que esses meninos são muito inteligentes, espertos, têm a sabedoria da rua. Para eles, entender quem está à sua frente é uma questão de viver ou morrer. Com essa esperteza, eles descobrem rapidamente o que um jornalista quer ver e ouvir, e dá essa resposta. "Minha mãe morreu, matei gente...", por aí. Vão direto ao ponto. Acontece que, como disse, suas vidas não se limitam a isso, mas acabam sendo mostradas somente por esse ângulo, pois fotógrafos e repórteres, ainda que inconscientemente, acabam pressionado essas pessoas a dizer e a mostrar o que você quer ouvir e ver - drama, basicamente. Que existe, mas não é tudo.

Aí entra a importância da autorrepresentação.

Uma coisa curiosa que escutei dos meus primeiros alunos foi que eles, ao começar a fotografar sua rotina, sua família, me diziam que estavam começando a ver coisas que não viam. Momentos, emoções, alegrias que não costumavam sentir. Isso aumenta sua auto-estima, o que você pensa de si próprio, o que é muito importante.

Você diria que a memória, a fotografia, neste sentido, é uma questão de direitos humanos?

Podemos considerar que sim. As grandes e multimilionárias organizações humanitárias como a Unicef usam a imagem desses meninos para vender suas campanhas, suas bandeiras. As pessoas fazem uma doação e ficam com o coração limpo, dão uma moedinha e se afastam com a consciência tranquila. Mas, para nós, é mais importante valorizar a experiência, o conhecimento que esses meninos têm. Eles podem nos ensinar tanta coisa, não precisam ser vistos eternamente como uns coitadinhos. Nesse ponto, a fotografia pode agir para que eles se vejam fora desse padrão tradicional.

A profissionalização dos alunos é um dos objetivos dos laboratórios?

Nos demos conta dessa necessidade quase que imediatamente. Não adianta dar câmeras que não sirvam para trabalhar. Se fizer isso, continuo sempre no papel de mestre, de profissional, e eles no de sempre, inferiores, pobrezinhos. Decidimos que era preciso criar uma possibilidade de profissionalizar os alunos, pelo menos alguns deles, para que atuem em sua cidade como fotó- ▶

Para nós, é mais importante valorizar a experiência, o conhecimento que esses meninos têm



Saharawi- Argélia/2002



Desaparecidos na Argentina

Com pouco dinheiro fazemos muita coisa



Rosano, Calabria, Itália/2008

grafo, possam trabalhar, fazer algum dinheiro, sair daquela situação crítica em que vivem. Então sempre trabalhamos com equipamento profissional, desde o tempo do filme até o sistema digital.

Quantos laboratórios já foram implantados?

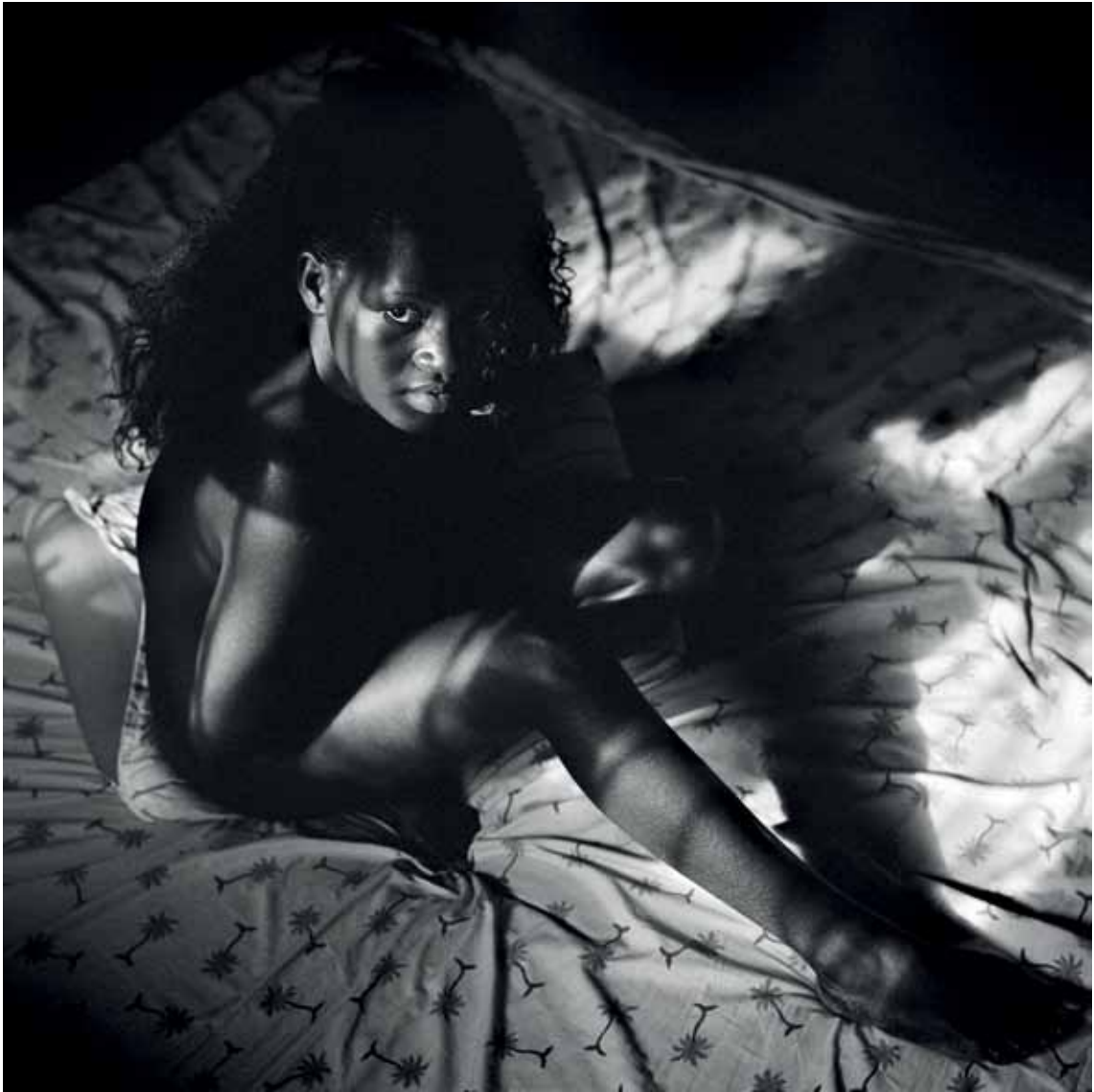
Temos o da Nicarágua, que existe há 10 anos, dois na África, dois na Palestina e um que estamos começando na Argentina. Ou seja, cinco em funcionamento e um sendo finalizado.

Como é o curso?

São três níveis, cada um durando em média 45 dias. Um básico, em que se ensina noções de preto-e-branco, revelação, ampliação, luz, enfim, noções de retrato, de como fazer uma pequena reportagem, como resumir uma história em uma única imagem. O segundo já é mais profissional, falamos de câmeras, objetivas, técnicas. O interessante é que, nessa segunda etapa, alguns alunos da primeira atuam já como professores. Isso é fundamental dentro da ideia de transformar esses meninos em profissionais e multiplicadores de conhecimento. No terceiro já nos voltamos para edição, transmissão, como fazer um livro, desenvolver e vender um projeto, enfim, buscar possibilidades de trabalho e renda, seja com casamentos, retratos de família, o que for.

Como o programa se mantém?

No começo, era bancado com nossos próprios recursos, dinheiro que tirávamos de outros trabalhos e aplicávamos ali. Não é preciso muita coisa, a câmera você consegue com a Nikon ou a Canon, nesses lugares onde aplicamos os laboratórios se gasta muito pouco, comemos o que eles comem, vivemos com eles. Com pouco dinheiro fazemos muita coisa. Num determinado momento, organizações que trabalham com crianças e conheciam nosso trabalho passaram a destinar algum dinheiro para nossos projetos. Desde 2002, somos uma Onlus, um passo antes de ser uma ONG, e nessa condição podemos requisitar contribuição de entidades da Comunidade Européia para nosso trabalho. Também conseguimos recursos com a venda de fotos que outros profissionais nos doam. Sebastião Salgado é um deles. ▶



Prostituição em Uganda



Nicarágua/2004: profissionalizando crianças/fotógrafas



O Muro, Al Jidar

E seus trabalhos fora da **Fotógrafos sem Fronteiras**?

Como falei antes, a primeira experiência na Nicarágua me ensinou que não é possível, para o trabalho que quero, passar pouco tempo numa história. É preciso limpar a cabeça dos preconceitos e clichês de sua própria cultura para mergulhar na do outro, e para isso é preciso tempo. Para mim, não é possível fazer uma reportagem em uma semana, duas semanas, um mês. Então escolhi temas que me interessavam, como um trabalho sobre a prostituição em Uganda e um último sobre o muro da Palestina, em que passei quatro meses caminhando ao lado do muro, que naquela época tinha 400 quilômetros. Fizemos entrevistas com os moradores, fomos vendo como viviam, o que significava para eles viver ao lado do muro, e só então comecei a fotografar. Fiz também um projeto chamado Memória, na Argentina, sobre a questão dos desaparecidos, que pretendo continuar no Uruguai e Chile e outros países.

E qual é o espaço para esse tipo de trabalho?

O espaço, definitivamente, é o livro. Não me interessa o momento em que acontece uma crise, uma guerra, e sim o antes

e o depois. Durante o problema, há muita gente da imprensa, pessoas de fora, não temos tempo para ver a verdadeira vida cotidiana dessas pessoas, que é a que desejo mostrar.

Seu trabalho no muro da Palestina a no projeto **Memória** também envolve o vídeo. É uma nova linguagem, uma nova fronteira?

Som e imagem em movimento podem contribuir com a foto na hora de contar histórias como essas duas. É um formato que pode ser explorado, com bons resultados, desde que feito da maneira certa. Na Palestina, por exemplo, um diretor de vídeo e um técnico de som trabalharam comigo. Juntando a produção dos três, cada um fazendo o que sabe, conseguimos um material interessante. Mas não é um trabalho que possa ser feito por uma única pessoa, como tenho visto em alguns sites, inclusive de imprensa. Fica claro que é uma tentativa de fazer uma coisa nova com o menor custo possível, e isso certamente compromete a qualidade. São ohares diferentes, o diretor de vídeo busca uma história em movimento, o fotógrafo busca um momento que resuma a história. As duas coisas nunca deveriam ser feitas ao mesmo tempo. ▀

Quer saber mais?

Conheça mais sobre o trabalho de **Giorgio Palmera** acessando o site: www.giorgiopalmerna.it
www.fotografisenzafrontiere.org

Quem é **Giorgio Palmera**?

Romano de nascimento, pode-se dizer que Giorgio Palmera é um cidadão do mundo. De um mundo específico: o dos excluídos, dos que sofrem por guerras que não iniciaram, por políticas que não criaram. É presidente do grupo **Fotógrafos sem Fronteiras**.